



RESIDÊNCIA BELOJARDIM

MARCELO SILVEIRA

BELO JARDIM – PERNAMBUCO – BRASIL

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R338

Residência Belo Jardim Marcelo Silveira / curadoras Cristiana Tejo, Kiki Mazzucchelli ; [organização Marcelo Silveira] - 1. ed. - Rio de Janeiro : Automatica, 2018.
200p. : il.

ISBN 9788564919259

1. Silveira, Marcelo, 1962 - Exposições. 2. Arte brasileira - Séc. XXI - Exposições. I. Tejo, Cristiana.
II. Mazzucchelli, Kiki. III. Silveira, Marcelo, 1962-.

18-47168

CDD: 709.81
CDU: 7.038.6(81)

MINISTÉRIO DA CULTURA E
INSTITUTO CONCEIÇÃO MOURA
APRESENTAM

CT

**RESIDÊNCIA
BELOJARDIM**

MARCELO SILVEIRA

**CURADORAS
CRISTIANA TEJO
KIKI MAZZUCHELLI**

**BELO JARDIM
AUTOMÁTICA**

1ª EDIÇÃO

2018

Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli E Belo Jardim?
Apontamentos para um programa de residências 9

**1 ENTRE A SURPRESA E
O QUE SE ESPERA** 20

Relatório do educativo Parte 1 27

**2 BOCHINCHE
CABELUDAS** 30

Relatório do educativo Parte 2 40

3 SÓDEBONITO 46

Relatório do educativo Parte 3 52

André Vieira Cardamomo 60

4	COM-PACTO	64
	Relatório do educativo <i>Parte 4</i>	66
5	TUDO CERTO	
	TUDO CERTO (MOMENTO 2)	
	TUDO CERTO — PERFORMANCE	74
	Relatório do educativo <i>Parte 5</i>	80
	<i>Michael Asbury</i> Tudo certo	89
	<i>Cristiana Tejo</i> Anderson	93
	<i>Cristiana Tejo</i> Boi neon	99
6	DEUSQUEIRAQUENÃOCHOVA	100
	Relatório do educativo <i>Parte 6</i>	102
	<i>Cristiana Tejo e Elaine Lima</i> Mulher de lutas	112
	<i>Catarina Duncan</i> Os rios sabem da gente	119
	<i>André Vieira</i> Cida Lima	124
7	CAMALEÃO II	126
	Relatório do educativo <i>Parte 7</i>	128
	<i>Cristina Huggins</i> Quem é você, camaleão?	134
	<i>Fabiana Moraes</i> Transformados	138
	<i>Moacir dos Anjos</i> O camaleão é revolucionário	142
	<i>Kiki Mazzucchelli</i> Marcelo Silveira — entrevista	146
	<i>André Vieira</i> Mônica	156

EQUIPE

Artista residente
Marcelo Silveira

Curadoras
**Cristiana Tejo e
Kiki Mazzucchelli**

Coordenação geral
Luiza Mello

Edição gráfica e site
Piscila Gonzaga

Produção local e
assistente de curadoria
André Vieira

Fotografia
Bernardo Teshima

Conteúdo
Cristina Huggins

Assistentes do artista
**Alice Teshima, Aline Silva,
Bárbara Amorim e Monica Silveira.**

Marceneiro
Neto

Convidados
**Catarina Duncan, Cláudio Assis,
Fabiana Moraes, Gabriel Mascaro,
Jailton Moreira, Michael Asbury e
Moacir dos Anjos.**

Vídeos
Jacaré Filmes

Assessoria de imprensa
Mariana Oliveira

Gestão
**Mariana Schincariol de Mello e
Marisa S. Mello**

Projeto e produção
Automatica

Artista residente

Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Com sua hibridez local, o trabalho do artista ocupa um espaço entre: metade dentro e metade fora do museu.

Curadoras

Kiki Mazzucchelli é curadora, editora e escritora independente com ampla atuação internacional. Cofundou o Gasworks Brazilian Residency Patron's Circle e cocurou a Bienal do Site Santa Fe (2016). Contribui regularmente para monografias de artistas para editoras e revistas especializadas de várias partes do mundo, entre elas Phaidon, *Art Review*, *Frieze*, *Mousse* e *Terremoto*. É curadora da Residência Belojardim. Vive e trabalha entre Londres e São Paulo.

Cristiana Tejo é curadora independente e doutora em Sociologia pela UFPE com forte atuação institucional a partir do Recife. Foi curadora da Fundação Joaquim Nabuco, diretora do MAMAM e cocuradora do 32º Panorama da Arte Brasileira, além de cofundar o Espaço Fonte. Publicou *Paulo Bruscky – Arte em todos os sentidos*. É curadora da Residência Belojardim. Vive e trabalha entre Lisboa e Recife.

Projeto e Produção

Automatica é produtora e editora de projetos culturais. Desde 2005 atua na elaboração, produção, gestão, coordenação, pesquisa, edição, difusão e consultoria de projetos culturais, especialmente vinculados ao universo das artes visuais. Trabalha com artistas, curadores, críticos de arte, historiadores da arte, instituições culturais, patrocinadores públicos e privados. Participa de editais e prêmios, e elabora projetos para as leis de incentivo nas três esferas da administração pública. Sua missão principal é aproximar o público da arte contemporânea.

Produção local e assistente de curadoria

André Vieira é museólogo formado pela UFPE e escreve sobre artes visuais e cinema. É assistente de curadoria e produtor local na Residência Belo Jardim. Vive e trabalha em Brejo da Madre de Deus (PE).

Conteúdo

Cristina Huggins é consultora, pesquisadora e tradutora. Tem formação em Linguística Aplicada (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2007) e Estudos Hispânicos (Salamanca – Espanha, 1992). Em 2015, qualificou-se em Elaboração e Gestão de Projetos Culturais e Economia Criativa (Ministério da Cultura/SENAC-DF) e em Administração Pública da Cultura (Ministério da Cultura/UFRGS, 2017).

Educativo

Martha Ferreira, 23 anos, musicista, é graduanda em licenciatura em Música pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Belo Jardim. Como clarinetista, tocou em bandas de música tradicionais da cidade, na Sociedade de Cultura Musical e na Filarmônica São Sebastião, na qual ministrou aulas de música durante seis anos. Também fez parte de grupos de choro, música de câmara e orquestras de frevo. Como atriz, trabalhou com o diretor Cláudio Assis no espetáculo *Cão sem plumas*, junto com Deborah Colker; e no filme *Piedade*.

Pierre Tenório, cantor, compositor, poeta e performer, nasceu em Belo Jardim, onde realiza sua pesquisa artística. Aluno do curso de licenciatura em Música do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Pierre trabalha em seus shows com música, poesia e performance, tanto em palco, quanto em câmara. Explorando os limites das linguagens, sua carreira tem tido um desdobramento ímpar no âmbito multidisciplinar.

Vanessa Melo, 25 anos de incompletudes. Graduanda em Pedagogia pelo Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE), é apaixonada por fotografia, mãe de Alice, feminista, loba, camponesa às margens de um rio seco, estudiosa das rotinas das mulheres ribeirinhas e enamorada pela Ana C. Cesar.

Wellington Antônio nasceu em Belo Jardim, tem 26 anos e é licenciando em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG). Atuou pela primeira vez como arte-educador na Residência Belo Jardim.

Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli

E BELO JARDIM? APONTAMENTOS PARA UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIAS

Em 1980, o artista e designer pernambucano Aloísio Magalhães chega atrasado para uma reunião sobre tecnologias em São Paulo. Vindo direto do Nordeste, depara-se com uma discussão de altíssimo nível e complexidade, que versava sobre a ampliação do metrô paulistano, os milhões necessários em dinheiro e em recursos para a obra ocorrer, etc. Aloísio atordoa-se com a escala de valores jamais sonhada e interrompe a reunião com a pergunta: “E Triunfo?” Obviamente, todos os presentes se entreolham e se questionam sobre o que se estava arguindo. Após explicar que se tratava da cidade de Triunfo, em Pernambuco, o gestor cultural conclui: “Era realmente uma tentativa de dizer que existe Triunfo. E quantos Triunfos existem por aí? E o que é que nós estamos fazendo senão justamente o contrário, destruindo, criando situações que nada têm a ver com aquela harmonia?” Em seguida, Aloísio alude mais uma vez à riqueza e à diversidade de temporalidades e de matizes da realidade brasileira a que deveríamos estar atentos.

Quase quarenta anos depois, o contexto sociopolítico, econômico e cultural do país é muito distinto, não apenas por conta do impacto da tecnologia digital, mas pela estabilização da economia e pelo investimento em políticas sociais de redistribuição de renda. Isso é algo que se pode constatar facilmente ao andar Nordeste adentro, e que parece ter deixado um legado permanente, mesmo levando em conta o período atual de desinvestimento. A região — que no último século assumiu uma posição de subalternidade e passou a representar o anacrônico, a miséria, o atraso — teve grandes picos de crescimento até recentemente e remodelou sua economia, inclusive entrando no mercado globalizado em alguns setores, entre eles, o da arte contemporânea. Apesar da concentração de renda e de oportunidades ainda ocorrer no eixo Rio-São Paulo, o mapa do circuito artístico descentralizou-se, abarcando cidades e estados até então invisíveis. A expansão desta cartografia permitiu que artistas, críticos, curadores, arte-educadores e

designers de montagem pudessem desenvolver-se profissionalmente em seu estado natal sem precisar migrar para centros hegemônicos, passando a competir num mercado de arte em processo de internacionalização.

E Belo Jardim? De fato, este período que durou cerca de quinze anos não chegou a atingir cidades de porte médio e pequeno, mas apenas capitais de alguns estados do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul. A interiorização de políticas de formação em artes visuais tem ficado a cargo de iniciativas isoladas promovidas por algumas instituições públicas e privadas, a exemplo do SESC e do Centro Cultural Banco do Nordeste. Em Pernambuco, uma geração mais jovem de empresários que colecionam arte contemporânea tem redefinido o legado cultural de seus antepassados em seus municípios de origem, como a Usina Santa Terezinha, em Água Preta, divisa com Alagoas, e o Instituto Conceição Moura, em Belo Jardim. Este último município, situado no Agreste, a 185 quilômetros do Recife, possui cerca de 75 mil habitantes e uma economia que orbita ao redor de três grandes empresas: Baterias Moura, Natto Frangos e Palmeiron, sendo que a Moura, companhia criada e ainda sediada em Belo Jardim, é líder no mercado latino-americano de baterias automotivas e exportadora para diversos países. Trata-se, portanto, de uma cidade que abarca escalas e temporalidades muito dessemelhantes e, neste sentido, distante da Triunfo de Aloísio Magalhães, que se contrapunha a uma grande economia como a paulistana.

A forma que o Instituto Conceição Moura — instituição que leva o nome da cofundadora da fábrica de baterias Moura e grande incentivadora da cultura local — encontrou para retribuir e minimizar o impacto ambiental e social que a indústria causa na cidade foi investir em ações artísticas nas áreas de música, cinema e artes visuais. As duas primeiras linguagens foram contempladas com festivais e oficinas de formação. Já as artes ganharam residências para artistas. Fomos chamadas para pensar num formato compatível com Belo Jardim e vimos este convite como uma boa oportunidade de implementar algo que convergisse com nossas crenças e observações acerca do caráter por vezes predatório do sistema da arte. Sabemos que residências artísticas compõem hoje um dos pilares deste tal mundo da arte globalizado, assim como as bienais e as feiras de arte. *Grosso modo*, as residências são uma opção mais econômica que os grandes eventos, pois na contabilidade não entram despesas como transporte e seguro de obras, marcenaria, expografia, catálogos e convites. Além disso, viabilizam de maneira mais fluida a circulação de pessoas e de ideias por lugares que não dispõem de grande infraestrutura ou visibilidade.

Entretanto, em muitas das circunstâncias, o que ocorre é uma nova versão de turismo cultural em lugares “exóticos” aos olhos ocidentais que podem exercer sua mirada condescendente e privilegiada sobre um entorno diverso do seu. Ao partirem, os artistas levam as obras realizadas nas residências, deixam alguns amigos e pouco impacto no local. Como realizar uma residência artística num contexto como o de Belo Jardim sem incorrer nesses cacoeetes e performatividades do circo do mundo da arte? Como chegar a um local respeitosamente e deixar um lastro construtivo?

Não tínhamos um roteiro traçado quando começamos a pensar no formato, apenas algumas questões que gostaríamos de discutir com os moradores da cidade, como, por exemplo, o conceito de Nordeste cristalizado no imaginário brasileiro em contraponto à situação atual de lugares como Belo Jardim. Havia anos que nós duas conversávamos a respeito do retorno da discussão sobre arte popular no âmbito da arte contemporânea e o consequente ressurgimento do nome e das práticas de Lina Bo Bardi, que mudou seu pensamento ao conhecer esta região. Queríamos chegar devagar para nos entrosar organicamente e compreender o lugar e suas dinâmicas e pessoas, mas como isso seria possível se somos forasteiras e não conhecíamos ninguém na cidade? Concomitantemente, Marcelo Silveira também era convidado a apresentar um projeto para o Instituto Conceição Moura e fomos chamadas para ver se poderíamos fazer algo juntos. A ideia dele era mudar-se para lá durante dois meses, levando obras já mostradas em exposições ao longo de sua trajetória artística para serem instaladas em vários locais da cidade. Além disso, ele desejava fazer novos trabalhos a partir da experiência da imersão. O projeto do artista era perfeito para este início de proposta e seria um grande aprendizado para toda a equipe. Não apenas Marcelo era nascido e crescido no Agreste como ainda mantinha seu ateliê em Gravatá e conhecia bem Belo Jardim. Sua forma de falar e de se “aprochegar” onde quer que seja sempre foi carregada de afeto e de muito cuidado e carinho, premissas fundamentais para criar vínculo com os lugares. Entramos em sua dança.

A antiga Fábrica Mariola — primeiro empreendimento do fundador da indústria de baterias Edson Mororó Moura, localizada bem no centro e cuja estrutura preserva os traços originais do edifício histórico — seria o QG da equipe e local de trabalho do artista. Ela também abrigaria uma das obras exibidas na 29ª Bienal de Arte de São Paulo, que teve cocuradoria de Moacir dos Anjos: a instalação *Tudo certo*. Parte da biblioteca de Marcelo Silveira seria trazida para ficar à disposição do público visitante e participante das atividades, com a possibilidade até de doar à cidade uma parte após a residência. As refeições seriam um ponto central das vivências,

não apenas no dia a dia da equipe do projeto, mas também nos jantares que contariam com convidados locais e de outras paragens ao redor da obra que apareceria naquela semana, com cardápio temático e afetuosamente criado pelo artista, que também é um gastrônomo de mão cheia. Um livro de registro dos visitantes viraria um livro de artista.

Selecionadas pelo próprio Marcelo, as demais obras foram instaladas em diversos locais a partir de visitas de pesquisa e o intuito era que elas fossem “aparecendo” conforme as semanas iam progredindo: primeiro, *Entre a surpresa e o que se espera*, em vários pontos da cidade; depois, *Bochinche*, no lindíssimo prédio de informática do Instituto Técnico Federal de Pernambuco (IFPE), e *Cabeludas*, na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM); na terceira semana, *Sódebonito*, na principal rua de comércio da cidade; na sequência, *Com-pacto*, instalado na Escola Técnica Estadual e no restaurante do Hotel Belo Jardim; *Deusqueiraquenãochova*, em frente à sede da comunidade quilombola de Barro Branco; *Tudo certo*, obra sonora gravada por corais locais e veiculada em carros de som; e *Camaleão*, instalada numa sala escura dentro da Fábrica Mariola. Desta maneira, os trabalhos foram imbricando-se no tecido urbano, no cotidiano das pessoas, e tendo uma vida fora de seu lugar tradicional, as instituições culturais. Toda a proposta era um modo inovador de atuar num contexto complexo e sem infraestrutura para a cultura, que acabou por gerar grandes transformações em todos os participantes do projeto.

Entre muitas coisas que aprendemos neste percurso, está a certeza de que, em um projeto de residência artística com bases sustentáveis, é de extrema importância o envolvimento pleno com o lugar, que passa pela escuta atenta daqueles que lá habitam, o respeito pela forma de fazer local e a ambientação ao meio. Houve, sem dúvida, uma série de dificuldades durante o projeto, o que é natural numa iniciativa deste porte e grau de experimentação executada num local que enfrenta grandes desafios como a falta d'água generalizada. Contudo, acreditamos que a experiência erigiu bases sólidas para uma proposta de longo prazo e de fato transformadora para todos os envolvidos.

patrocínio

apoio

realização



Auto
mati
ca



MINISTÉRIO DA
CULTURA



ISBN 978-85-64919-25-9



9 788564 919259